

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA  
BACHARELADO EM JORNALISMO**

**ÉRIKA RODRIGUES HAMMES**

**GÓRGONA: UMA WEBSÉRIE JORNALÍSTICA PARA O TIKTOK SOBRE  
AS FACETAS DO FEMINICÍDIO ÍNTIMO EM SÃO BORJA**

**São Borja**

**2023**

**ÉRIKA RODRIGUES HAMMES**

**GÓRGONA: UMA WEBSÉRIE JORNALÍSTICA PARA O TIKTOK SOBRE  
AS FACETAS DO FEMINICÍDIO ÍNTIMO EM SÃO BORJA**

Trabalho de Conclusão de Curso - Projeto Experimental – apresentado ao Curso de jornalismo da Universidade Federal do Pampa como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alciane Baccin  
Coorientação: Tuãne dos Santos Araújo

**São Borja  
2023**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

H224g Hammes, Érika Rodrigues  
Górgona: Uma websérie jornalística para o tiktok sobre as  
facetas do feminicídio íntimo em São Borja / Érika Rodrigues  
Hammes.  
38 p.  
  
Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, JORNALISMO, 2023.  
"Orientação: Alciane Baccin".  
  
1. jornalismo digital. 2. websérie jornalística. 3.  
feminicídio íntimo. 4. violência de gênero. 5. TikTok. I.  
Título.

---

**ÉRIKA RODRIGUES HAMMES**

**GÓRGONA: UMA WEBSÉRIE JORNALÍSTICA PARA O TIKTOK SOBRE AS FACETAS DO FEMINICÍDIO ÍNTIMO EM SÃO BORJA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 06 de dezembro de 2023.

Banca examinadora:

---

Profa. Dra. Alciane Nolibos Baccin  
Orientadora (Unipampa)

---

Tuãne dos Santos Araújo  
Coorientadora (Unipampa)

---

Profa. Dra. Eloisa Joseane Klein (Unipampa)

---

Ms. Bianca Obregon Fazioni (UFFS)



Assinado eletronicamente por **ALCIANE NOLIBOS BACCIN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/01/2024, às 22:48, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **TUÃNE DOS SANTOS ARAUJO, Aluno**, em 31/01/2024, às 08:05, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ELOISA JOSEANE DA CUNHA KLEIN, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 01/02/2024, às 20:30, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Bianca Obregon Fazoni, Usuário Externo**, em 02/02/2024, às 19:02, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **1361275** e o código CRC **186BE8F6**.

Dedico este trabalho a todos  
que acreditaram em mim

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Elson Hammes e Carmeline Rodrigues. Sua dedicação, amor e puxões de orelha foram indispensáveis para que eu chegasse até aqui. Agradeço por cada sacrifício, por cada conselho e por serem fontes inesgotáveis de apoio. Sou quem sou, e alcancei o que alcancei, graças à base sólida que vocês construíram.

A minha *hermana*, Eduarda Hammes, agradeço a sua vida. Acompanhar o seu crescimento, mesmo estando a mais de 500 km de distância, foram os mais especiais da minha vida. Todos os dias quero ser alguém melhor para me tornar sua referência, alguém a quem você vai se orgulhar. Aos meus avós, Célia e Roque Hammes, dedico toda minha gratidão. Me considero sortuda por compartilhar tantas memórias com vocês.

A minha vó Lilca, que partiu antes de ter a oportunidade de ver eu me formar, dedico toda a minha trajetória acadêmica. Obrigada por sempre demonstrar o orgulho que você tinha sobre todas as coisas que eu fazia. Agradeço cada conversa que tivemos sentadas embaixo da árvore na frente da sua casa. Além disso, sou grata por todo respeito que você sempre teve sobre as minhas escolhas.

Aos meus amigos do UPB, obrigada. Para Ana Júlia, obrigada por me mostrar a potência que o amor tem. Por dividir comigo a casa, as garrafas de vinho, a paixão e o ódio pela comunicação e também a receita de massa carbonara. Você foi e sempre vai ser parte importante de quem eu sou e de quem quero ser. Obrigada Pedro Albarnaz, ou melhor, amigo. Por compartilhar comigo todas as loucuras que é ser universitário. As memórias que compartilhamos serão as histórias que vou ter orgulho em contar para meus filhos e netos.

Para a Rafaela, só tenho a agradecer sobre como nossa amizade é leve e sincera. Por todo o apoio e toda paciência comigo. Fico animada em pensar que logo, logo vamos estar brindando mais essa vitória. André, sou feliz em dividir o final da minha permanência em São Borja com você. Agradeço por surgir e mudar tudo e também por me manter sempre hidratada

Para a minha amiga e coorientadora, Tuãne Araujo, agradeço cada conversa, foram únicas. Além disso, obrigada por me apresentar o açaí de verdade. Me sinto totalmente privilegiada por ter uma amiga como você.

Agradeço, especialmente, a Alciane Baccin, minha amiga e orientadora. Você me olhou quando ninguém mais fez. O seu coração é gigante, fico feliz por todo o seu cuidado, afeto e troca. Nada disso seria possível se você não acreditasse em mim.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo produzir uma websérie jornalística para o Tiktok que evidencie a gravidade do feminicídio íntimo na cidade de São Borja. Neste contexto, o projeto experimental almeja contribuir para a conscientização sobre violência e abusos contra mulheres, mas principalmente em casos de feminicídio íntimo, através de vídeos rápidos veiculados no TikTok, que podem ser aproveitados de maneira efetiva para que o jornalismo digital ocupe espaços que são predominantemente voltados para entretenimento. A metodologia de criação da websérie jornalística baseia-se em Puccini (2009), que delinea o processo em três estágios: pré-produção, produção e pós-produção. Para nortear a elaboração partimos da seguinte questão: “Como os relacionamentos abusivos contribuem para o feminicídio íntimo na cidade de São Borja?”. Foram entrevistadas sete fontes, entre elas vítimas, docentes, psicólogas e representantes do poder público. O resultado é a websérie jornalística “Górgona: as facetas do feminicídio íntimo em São Borja”, com cinco episódios que têm em média cinco minutos cada.

**Palavras-chave:** jornalismo digital, websérie jornalística, feminicídio íntimo, violência de gênero, TikTok.

## **ABSTRACT**

This work aims to produce a journalistic web series for TikTok that highlights the gravity of intimate femicide in the city of São Borja. In this context, the experimental project aims to contribute to awareness of violence and abuse against women, particularly in cases of intimate femicide, through quick videos on TikTok. These videos can be effectively utilized to have digital journalism occupy spaces predominantly focused on entertainment. The methodology for creating the journalistic web series is based on Puccini (2009), outlining the process in three stages: pre-production, production, and post-production. To guide the development, we started with the following question: 'How do abusive relationships contribute to intimate femicide in the city of São Borja?' Seven sources were interviewed, including victims, educators, psychologists, and public representatives. The result is the journalistic web series 'Gorgona: the facets of intimate femicide in São Borja,' consisting of five episodes, each averaging about five minutes.

Keywords: digital journalism, journalistic web series, intimate femicide, gender violence, TikTok.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Jornalismo</b>	<b>13</b>
2.1.1 Jornalismo digital	13
2.1.2 TikTok	15
2.1.3 TikTok e jornalismo	15
<b>2.2. Violência</b>	<b>17</b>
2.2.1 Violência de gênero	17
2.2.2 Tipos de violência de gênero	18
<b>2.3. Feminismo</b>	<b>19</b>
<b>2.4 Femicídio</b>	<b>20</b>
2.4.1 Femicídio Íntimo	21
<b>3 METODOLOGIA APLICADA</b>	<b>23</b>
<b>3.1 A Pré-produção</b>	<b>23</b>
3.1.2 Sobre as fontes	23
3.1.3 Materiais de apoio	24
3.1.5 As pautas	25
3.1.6 Do cronograma de pré-produção	28
<b>3.2 A produção</b>	<b>28</b>
3.2.1 Tipos de documentário	28
3.2.2 Pós-produção	30
<b>4 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS</b>	<b>31</b>
<b>4.1 Pré-produção</b>	<b>31</b>
<b>4.2 Produção</b>	<b>31</b>
<b>4.3 Pós-produção</b>	<b>32</b>
<b>5 AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE PRODUÇÃO</b>	<b>33</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>37</b>

# 1 INTRODUÇÃO

O cerne deste projeto experimental reside na compreensão de como a violência de gênero pode resultar na morte de mulheres apenas por serem mulheres. Através de uma websérie jornalística, pretendemos ouvir mulheres que se relacionam, têm proximidade ou foram vítimas de violência de gênero e tentativa de feminicídio. São elas, psicólogas, promotoras, assistentes sociais, professoras, alunas ou alvos. Assim, essa abordagem experimental leva à criação de uma websérie jornalística<sup>1</sup> para o Tiktok, intitulada “Górgona<sup>2</sup>: uma websérie jornalística para o Tiktok sobre as facetas do feminicídio íntimo em São Borja”. As Górgonas são criaturas da mitologia grega que costumam ser descritas como mulheres com cabelos de serpentes, presas afiadas e olhares que tinham o poder de petrificar quem as encarasse. Assim como a imagem das Górgonas pode ser vista como uma representação simbólica do medo do poder feminino, as mulheres são subjugadas e consideradas como alguém a ser controlada.

Por ser um tema de interesse público, foi necessário criar um recorte geográfico, a fim de contemplar da melhor forma possível as questões acerca desse tipo de violência abordado neste projeto experimental. Foi escolhida, então, a cidade de São Borja, por ser o município ao qual está localizado o campus do curso Jornalismo, da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Dessa forma, pretendemos contribuir socialmente para o desenvolvimento da comunidade e, para além disso, optamos por fazer os materiais audiovisuais de forma presencial, para nos conectar com as entrevistadas e com o tema em questão.

Todos os aspectos abordados neste projeto são resultados da desigualdade de gênero, que é uma realidade presente na vida das mulheres brasileiras e em todo o mundo. Historicamente, o sexo biológico é utilizado como base para justificar diferenças culturais entre homens e mulheres. Por isso, foi feita a escolha do presente tema, a fim de gerar reflexões e debates na comunidade acadêmica, e para o público fora dos portões da universidade, mais especificamente no município de São Borja.

Diante desse cenário, a questão norteadora deste projeto experimental é: como os relacionamentos abusivos contribuem para o feminicídio íntimo na cidade de São Borja? E para nos ajudar a responder essa questão definimos como **objetivo geral** produzir uma websérie jornalística para o TikTok que evidencie a gravidade do feminicídio íntimo na

---

<sup>1</sup> A websérie está disponível no link: <https://bit.ly/3sNOcse>

<sup>2</sup> No item 6.3 da Pós-produção está explicado o processo de escolha do nome.

cidade de São Borja, promova a conscientização e a informação e estimule a reflexão sobre a igualdade de gênero. Já os objetivos específicos contribuem para que consigamos alcançar o objetivo geral. Os **objetivos específicos** são: a) apresentar narrativas reais e sensíveis de personagens do município de São Borja, relacionadas ao feminicídio íntimo, violência de gênero e à relação de poder dos homens sobre as mulheres; b) explorar o potencial da websérie jornalística para criar um conteúdo que seja informativo e educativo, capaz de chamar a atenção do público para sensibilizá-lo às questões de violência de gênero.

O interesse e a motivação em tratar de um tema delicado como feminicídio íntimo, é pelo sentimento de responsabilidade em dar voz às vítimas de uma violência que, infelizmente, continua a assombrar muitas de nós. A dor da perda de uma amiga próxima, cujo caso, inicialmente, foi tratado como feminicídio mas foi enquadrado e julgado como homicídio, me aproximou da realidade, principalmente ao ter contato com outras mulheres que compartilham histórias semelhantes de tragédia e luta. Este trabalho é, portanto, uma homenagem à Joana Fabris Deon, e um compromisso pessoal em ser parte ativa na construção de um futuro onde a violência de gênero não seja mais tolerada.<sup>3</sup>

A relação entre relacionamentos abusivos e o feminicídio íntimo é um tema de relevância e preocupação, especialmente quando consideramos sua manifestação na cidade de São Borja. Este crime, que envolve a violência de gênero e o assassinato de mulheres por parceiros ou ex-parceiros, é um problema que exige atenção e compreensão. Neste contexto, é preciso analisar como os relacionamentos abusivos desempenham um papel na contribuição para essa tragédia, uma vez que, frequentemente, representam a escalada de comportamentos violentos e controladores, que podem culminar em homicídios. O feminicídio íntimo representa uma ameaça direta à segurança das mulheres na sociedade, e é um indicador da persistência do machismo e da cultura do abuso. O desenvolvimento deste projeto experimental pode contribuir para a conscientização pública, influenciar políticas e programas de prevenção e, em última instância, ajudar a salvar vidas.

De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2021, no Brasil, foram registrados 1.350 feminicídios no ano de 2020. Esse número representa um aumento de 1,9% em relação ao ano anterior. Vale ressaltar que esses dados se referem aos casos oficialmente registrados e podem não refletir a totalidade dos casos, uma vez que muitos casos de feminicídio ainda são subnotificados. Outro dado relevante é que, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 71% dos casos de feminicídio ocorrem

---

<sup>3</sup> Por escolha, irei utilizar a primeira pessoa do singular nesta justificativa.

no ambiente doméstico ou familiar. Isso indica que muitas mulheres são vítimas de violência de gênero por parte de parceiros íntimos, ex-parceiros ou membros da família.

Por estes motivos, procuramos construir o estado da arte deste trabalho para dar suporte a essa pesquisa através da busca bibliográfica no site do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) e a Comunidade Acadêmica Federada (CAFe), o acervo do Portal de Periódicos da CAPES. Ao buscar os termos “violência de gênero” e “feminicídio íntimo”, conseguimos no Ibict, com o termo “violência de gênero”, 3.124 resultados; já no CAFe, 13.006. Enquanto do termo “feminicídio íntimo”, 18 resultados no Ibict, e 49 no CAFe. Pelo alto volume de trabalhos nos resultados, aplicamos filtros para melhor delimitação do estudo. Assim sendo, pesquisamos apenas trabalhos escritos em português e por ordem de relevância.

Para o termo “violência de gênero”, encontrei a tese “Violência de Gênero: Contribuições para o Serviço Social”, de Mirales (2009), que aproximou-se da minha pesquisa por evidenciar a dificuldade que as mulheres enfrentam para conseguir modificar ou romper com relações com seus parceiros que são agressivos. A busca por estas respostas visa aprofundar a compreensão sobre os fatores psicossociais, culturais e estruturais que permeiam essa realidade. A autora reflete sobre a constituição histórica dos direitos humanos das mulheres, especialmente diante do processo persistente de violação desses direitos. Mirales (2009) busca identificar e aprofundar o conhecimento sobre os diversos espaços institucionais que as mulheres percorrem na busca por alternativas diante da violência. Estes espaços incluem redes de apoios sociais, grupos de apoio, psicoterapia, serviços de saúde, entre outros.

Para a pesquisa de “feminicídio íntimo”, dos 18 resultados encontrados no Ibict, apenas um se tratava de fato de feminicídio íntimo, porém não foi possível acessar o conteúdo. Dessa forma, pela impossibilidade de resultados correspondentes da temática desejada, assim, precisamos ajustar para o termo “feminicídio”. Foi encontrado o artigo “Feminicídio: a máxima expressão da violência contra as mulheres em João Pessoa - PB”, escrito por Ana Amélia Dias Evangelista do Nascimento e Luziana Ramalho Ribeiro (2020). Com base neste artigo, foi possível entender e definir os termos femicídio e feminicídio íntimo, bem como as diversas violências que podem anteceder esse tipo de crime.

A minha escolha de entrevistar exclusivamente mulheres no desenvolvimento do projeto experimental é para destacar as vozes e perspectivas das próprias mulheres, em discussões sobre suas próprias experiências. Dessa forma, é possível compreender as complexidades das vivências femininas em um contexto de desigualdade de gênero. No

entanto, não é nossa intenção desconsiderar outras perspectivas de gênero, mas sim fornecer um espaço seguro para que as mulheres compartilhem suas experiências de maneira mais aberta e honesta.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Apresentamos o referencial teórico dividido em quatro temas: jornalismo, violência, feminismo e feminicídio. O primeiro está subdividido em três tópicos: jornalismo digital, TikTok e a interseção entre jornalismo e TikTok; o segundo aborda a violência de gênero, explorando diferentes tipos de violência; no terceiro, percorremos as vertentes do feminismo; e, no quarto e último, discutimos os conceitos e definições de femicídio e feminicídio íntimo.

### **2.1 Jornalismo**

Traquina (2005) apresenta a definição do jornalismo como uma empreitada desafiadora. Ele destaca a complexidade de categorizar essa prática, enfatizando que a visão comum de que o jornalismo simplesmente reflete a realidade é apenas uma parte de um processo. Ao perceber que o evento noticiado narrado por um jornal de alguma forma revisita um fato ancestral incorporado às figuras míticas, como o herói, o vilão ou a vítima inocente, destacando a observação de que os jornalistas contemporâneos participam ativamente de uma tradição milenar de contar histórias (Traquina, 2005). Mesmo quando se trata de narrativas do cotidiano, elas são marcadas pelas peculiaridades da linguagem jornalística. Essa análise ressalta a natureza atemporal e a narrativa intrínseca ao jornalismo, conectando o presente ao passado, destacando a importância da habilidade jornalística na reinterpretação e contação de histórias ao longo do tempo.

Traquina também ressalta a existência de uma linguagem peculiar ao jornalismo, apontando que os profissionais dessa área enfrentam a necessidade de se comunicar por meio das barreiras que permeiam diferentes grupos da sociedade, tais como classe, etnia, política e aspectos sociais (Traquina, 2005). Essa visão mais abrangente ilustra a função crucial dos jornalistas na superação de fronteiras e na comunicação eficaz em meio à diversidade existente na sociedade.

#### **2.1.1 Jornalismo digital**

O jornalismo ganhou, na década de 1990, uma aliada: a tecnologia digital. Essa forma de fazer jornalismo se consolidou através dos usos e apropriações das tecnologias da comunicação, que abriram espaço para que os jornalistas se adequassem à forma de produzir conteúdos para internet. Segundo Rasêra (2010, p. 2), “o surgimento do jornalismo digital representa uma revolução na maneira de apurar, produzir e distribuir conteúdo jornalístico”.

O jornalismo digital<sup>4</sup>, então, passa a ocupar um espaço que antes era, de certa forma, delimitado por caracteres e tempo, para um lugar em que se podia explorar mais detalhes.

Atualmente, os sites noticiosos passaram a não somente reproduzir o conteúdo divulgado em sua versão impressa, mas também a disponibilizar informações adicionais sobre o assunto que não foram incluídas na versão impressa ou, informações complementares como por exemplo: vídeos, animações, entre outros recursos multimídia. Ou seja: o meio digital propicia a viabilização de produzir e distribuir conteúdo multimídia de forma rápida e precisa a fim de possibilitar a interatividade e com isso, despertar o interesse e a participação do público. (Rasêra, 2010, p. 3)

Além dos jornalistas ganharem vantagem em ter mais espaço para trabalhar em suas matérias jornalísticas, David Carlson (2003), citado por Rasêra, acredita que um dos pontos mais altos de se utilizar dessa forma do jornalismo, é o potencial conquistado pelo jornalismo digital.

Segundo ele, é por isso que tantos jornais e empresas de comunicação estão investindo cada vez mais na área. O jornalismo online tem o poder de extrair as melhores coisas das mídias tradicionais (jornais, revistas, rádio e televisão), e “reembalar” em um produto novo e único carregando os aspectos positivos das mídias já existentes e poucos, caso existam, dos negativos. (Rasêra, 2010, p. 3)

Torna-se notório, então, que com o passar dos anos, a necessidade de produzir conteúdo jornalístico no espaço digital também é devido à forma como as pessoas consomem as notícias.

Na época das audiências de massa e da mídia de massa, o consumo da notícia era uma atividade planejada e inserida nas rotinas diárias das pessoas. A leitura do jornal impresso era (e ainda é para pessoas mais tradicionais) uma atividade para ser feita ao tomar o café da manhã; à noite era hora do noticiário televisivo; e ao longo da semana e consequentemente do mês, era feita a leitura das revistas entregues nas residências por meio de assinaturas. Por muito tempo, estas eram as fontes disponíveis para o consumo de notícias. (Rasêra, 2010, p. 6)

---

<sup>4</sup> Também é conhecido como ciberjornalismo ou jornalismo multimídia.

Rasêra cita, segundo Kerry J. Northrup (2006), que a audiência está inserida no que o autor descreve como “consumo de notícias incidental”. Seja navegando pela internet, pelo rádio do carro, em manchetes em *outdoor*, em comentários nas notícias. Ou seja, as pessoas não consomem e nem procuram apenas um meio de comunicação para se informar sobre algo. Esse novo método de procura ajudou na potencialidade do jornalismo digital, motivo pelo qual também foi feita a escolha do TikTok como plataforma digital que será vinculada a série produzida neste projeto experimental.

### 2.1.2 TikTok

O TikTok, plataforma digital criada na China em 2016 pela ByteDance como Douyin, e lançado internacionalmente como TikTok, em 2017, tornou-se uma plataforma global de mídia social. A ideia por trás do TikTok era permitir que os usuários criassem e compartilhassem vídeos curtos e criativos, incorporando música, efeitos especiais e desafios virais. A plataforma ganhou popularidade rapidamente, especialmente entre o público mais jovem. Sua interface intuitiva e a capacidade de criar conteúdo envolvente e divertido contribuíram para seu sucesso. O TikTok também se destacou por algoritmos de recomendação eficientes, que ajudaram a personalizar o feed de cada usuário com base em suas preferências.

Ao longo dos anos, o TikTok continuou a crescer e se expandir globalmente, ultrapassando bilhões de downloads em lojas de aplicativos. No entanto, a plataforma também enfrentou desafios e críticas relacionadas à privacidade de dados e preocupações sobre segurança, levando a debates em vários países sobre a regulamentação de aplicativos de mídia social. Apesar dessas controvérsias, o TikTok continua a ser uma força significativa no cenário das redes sociais, influenciando tendências culturais, promovendo novos artistas e proporcionando uma plataforma para a expressão criativa e a conexão global.

### 2.1.3 TikTok e o Jornalismo

Diante da crescente importância das redes sociais na disseminação de informações, os meios de comunicação têm se empenhado em desbravar o TikTok como um espaço

inovador para a comunicação jornalística. Observamos um notável esforço por parte dos veículos de comunicação em explorar o potencial do TikTok como uma plataforma para fins noticiosos. Essa incursão manifesta-se através de iniciativas diversas, que vão desde a produção de vídeos que revelam de bastidores até a conteúdos rápidos. Além disso, os veículos investem na criação de conteúdos originais especialmente concebidos para a dinâmica e linguagem peculiar da plataforma, abrindo caminho para uma interação mais direta e envolvente com o público.

Essa abordagem reflete a adaptação do jornalismo às tendências contemporâneas, reconhecendo o TikTok como um canal promissor para a disseminação de informações relevantes e a construção de narrativas acessíveis ao público conectado e ávido por conteúdo inovador. Para Pereira e Monteiro (2021),

diante de tais possibilidades de uso do TikTok no jornalismo, é possível afirmar que “do ponto de vista jornalístico, a entrada na rede é um movimento que acompanha as tendências do mundo digital, fazendo com que o jornal se consolide como um agente do tecido social em suas diversas frentes.” (ALVES, 2020. online). O que exige novas práticas frente às novas demandas do mercado de trabalho. ( p. 81)

A consolidação do TikTok como plataforma emergente no cenário midiático destaca-se como uma resposta à crescente massificação do consumo de notícias via aplicativos de redes e mídias sociais digitais. Esta transformação reflete não apenas uma mudança nos canais de comunicação, mas também uma demanda por parte da geração conectada, um público que busca interatividade, dinamismo e conteúdo conciso. O TikTok tem se mostrado como uma plataforma eficaz para alcançar um público ávido por informação instantânea.

A compreensão do TikTok como uma forma de jornalismo móvel reforça a necessidade de os jornalistas se apropriarem dessa ferramenta. A agilidade e a capacidade de compartilhar notícias em tempo real tornam o TikTok uma plataforma dinâmica e inovadora para a disseminação de informações. A adaptação a essa modalidade de jornalismo não apenas atende à demanda do momento, mas também representa uma estratégia eficiente para alcançar a geração conectada, envolvendo-se diretamente nos espaços que essas pessoas escolhem para seu entretenimento e consumo de notícias.

Chegamos, então, à conclusão que a inserção do jornalismo no TikTok não se trata apenas de uma oportunidade, mas de uma necessidade intrínseca para acompanhar a evolução do panorama midiático. A exploração dessa plataforma não apenas amplia o

alcance das notícias, mas também promove uma conexão mais próxima e autêntica com o público-alvo.

A abordagem do feminicídio íntimo de maneira jornalística na plataforma TikTok, se revela uma oportunidade diante da necessidade de disseminar informações e conscientizar o público sobre uma questão urgente e sensível. Ao utilizar essa abordagem jornalística, é possível apresentar dados, histórias e análises de maneira acessível, incentivando a reflexão e a mobilização em torno dessa forma específica de violência de gênero. A visibilidade gerada por essa plataforma não apenas destaca a gravidade do feminicídio íntimo, mas também contribui para a desconstrução de estigmas.

## **2.2 Violência**

Para compreendermos o feminicídio íntimo, é essencial, primeiro, aprofundar nossa compreensão sobre a violência como uma prática e concepção que submete um indivíduo à condição de objeto, violando tanto seu interior quanto seu exterior, e que perpetua relações sociais marcadas por profundas desigualdades econômicas, sociais e culturais (Chauí, 1998, p. 34 e 37 apud Mirales, 2009, p. 271). Esta objetificação do ser social pode manifestar-se de diversas maneiras, implicando o uso de força, seja física ou emocional, e resultando em impactos significativos na saúde mental ou física da pessoa sujeita à violência.

### **2.2.1 Violência de gênero**

Através da análise de violência, podemos compreender a violência de gênero, um fenômeno complexo e multifacetado que ronda as estruturas sociais em diversas partes do mundo (Nielsson; Delajustine, 2020), e que ganhou notoriedade apenas no final do século XX. A partir desse reconhecimento, foi possível criminalizar a violência doméstica, além de ser o impulso que deu origem a diversas políticas públicas destinadas a combater essas formas de violência. A criação legal dessas categorias desempenhou um papel crucial em desmantelar o patriarcado como uma instituição que se fundamenta no controle do corpo feminino e na capacidade punitiva sobre as mulheres. Isso também evidenciou o caráter político das violências associadas a esse controle e sua aplicação punitiva.

Este aumento dos dados de violência, somados à tentativa de criminalização dos estudos em gênero, revelam que a violência contra a mulher, considerada à luz do patriarcado, configura verdadeiro crime de poder, cuja função é conquistar, manter e perpetuar a condição de soberania. E reconhecê-la como crimes de poder significa visibilizar a sua dimensão pública, e, portanto, política, enquanto constitutiva de relações que ultrapassam relacionamentos individuais entre homens e mulheres, mas se vinculam à forma de sustentação da esfera pública do Estado colonial e racista da modernidade. Esta dimensão pública/política necessita ser retomada e pensada a partir das especificidades da sociedade brasileira e sua esfera pública desigual, classista e racista, cuja estruturação configura a violência patriarcalista. (Nielsson; Delajustine 2020, p.3)

A prática da crueldade direcionada aos corpos das mulheres, assim como aos corpos feminizados, integra um mesmo processo de disciplinamento social e controle. Como destaca Tânia Mara Campos de Almeida (2014) no artigo “Corpo feminino e violência de gênero: fenômeno persistente e atualizado em escala mundial”:

[...], apesar de avanços na seara dos direitos, da disseminação de programas que protegem esses direitos, da mudança de mentalidades e do reconhecimento jurídico nacional e internacional da cidadania das mulheres e demais grupos feminizados em igualdade à dos homens, a realidade evidencia uma expressiva quantidade de casos de violência, que têm se apresentado cada vez mais truculentos e cruéis. Afinal, resistências conservadoras se revelam em centenas de espaços sociais e sob formas variadas contra a efetivação de novas relações entre homens e mulheres. Novamente, confirma-se que a violência de gênero constitui-se em um fenômeno social persistente, multiforme e articulado por facetas psicológica, moral, física e econômica, tanto em nível micro como macrosociológico. (Almeida, 2014, p.330)

Essas ações constituem crimes característicos de um patriarcado colonial moderno que se firma na esfera pública da modernidade, perpetuando a crueldade como uma prática de Estado contra elementos desestabilizadores. Nos corpos submetidos a essa violência, são inscritas e transmitidas mensagens de um Estado autoritário, violento, capitalista e patriarcal que busca se impor aos membros de sua comunidade.

### 2.2.2 Tipos de violência de gênero

Através desses termos, agora podemos compreender que a violência de gênero pode manifestar-se de maneira diversificada, abrangendo não apenas agressões físicas, mas também abusos psicológicos, sexuais, econômicos e simbólicos. A violência doméstica, conforme definida por Saffioti (1998; 1999b apud Mirales, 2020), abrange situações ocorridas no ambiente doméstico, não limitadas apenas a relações de parentesco ou

consanguinidade. Para Mirales (2020), a violência intrafamiliar e conjugal também são fenômenos incluídos nesse contexto. A violência familiar ou intrafamiliar, por sua vez, refere-se a conflitos envolvendo indivíduos que compartilham laços familiares, independentemente do tipo de relação.

Dentro desse cenário, a violência física manifesta-se por meio de formas que resultam em agressões corporais entre os envolvidos no conflito. Juridicamente, esse tipo de violência é considerado lesão corporal e pode ocorrer tanto de maneira intencional quanto em situações acidentais. Além disso, a violência psicológica, anteriormente designada por termos como desinteligência e ameaça, configura-se como uma forma de agressão que não envolve agressão física direta. No entanto, suas repercussões atingem tanto a saúde física quanto mental da vítima, sublinhando a complexidade e gravidade desse tipo de violência.

### **2.3 Feminismo**

O feminismo, movimento social e político, surgido na década de 60, tem como objetivo a busca da equidade de gênero, promovendo a igualdade de direitos, oportunidades e tratamento entre mulheres e homens. Para Almeida (2014),

a atuação e as reivindicações da militância feminista criaram as condições históricas, políticas e culturais necessárias ao reconhecimento da legitimidade e da gravidade da questão, aliando-se a esforços acadêmicos para dar visibilidade sociológica a essa violência entre os muros universitários, entre os governos e no seio da sociedade civil. (Almeida, 2014, p.329)

Surgindo historicamente como resposta às desigualdades sistemáticas enfrentadas pelas mulheres, o movimento abrange uma variedade de correntes e perspectivas, todas com o objetivo comum de desafiar e superar normas culturais, sociais e institucionais que perpetuam a discriminação de gênero. Para refletir sobre essas formas de liberdade em um contexto capitalista é necessária uma demanda imprescindível de articulação. Refletir sobre a liberdade no contexto capitalista, como proposto por Marx e Engels (2009 apud Álvaro), destaca a necessidade crucial de articulação.

Os indivíduos isolados só formam uma classe na medida em que têm de travar uma luta comum contra outra classe; fora disso, contrapõem-se de novo hostilmente uns com os outros na concorrência. Por outro lado, a classe autonomiza-se, face aos indivíduos, pelo que estes encontram já predestinadas as suas condições de vida, é-lhes dada [angewisen] pela classe a sua posição de vida

e, com esta, o seu desenvolvimento pessoal; estão subsumidos a ela. (Marx e Engels, 2009, p. 93 apud Álvaro, 2014 p.36)

Historicamente, as relações de classe têm sido permeadas pelas dinâmicas de poder e dominação, notadamente evidenciadas na subjugação das mulheres pelos homens. Conforme esclarecido por Engels,

[...] o primeiro antagonismo de classe que surgiu na história está alinhado com o desenvolvimento da oposição entre homem e mulher na monogamia, sendo que a primeira opressão de classe coincide com a subjugação das mulheres pelo sexo masculino. (Marx e Engels 1979, p. 22 apud Álvaro, 2014 p.45)

A luta feminista, que busca a liberdade e emancipação das mulheres, representa um desafio direto às estruturas fundamentais do capitalismo. Nesse sentido, resgatar o potencial de resistência e combatividade desse movimento é crucial. Ao abordar a igualdade de gênero, o feminismo transcende as esferas individuais e pessoais, atingindo as raízes do sistema que perpetua desigualdades estruturais. Questionando e desafiando as bases do capitalismo, o feminismo almeja contribuir para uma transformação profunda e emancipatória, beneficiando não apenas as mulheres, mas também a humanidade como um todo.

Ao explorar o tema do feminicídio, compreendemos que este ato violento é uma expressão extrema das desigualdades de gênero enraizado na sociedade. O feminicídio reflete e perpetua sistemas de poder desequilibrados, nos quais as mulheres são frequentemente vítimas de violência como resultado de estruturas sociais patriarcais e normas culturais. No próximo tópico, a análise se volta para a importância crucial da luta incansável contra esse tipo de violência. Portanto, compreender e confrontar o feminicídio é uma parte intrínseca da missão feminista de desafiar e transformar as estruturas sociais que perpetuam a violência de gênero.

## **2.4 Feminicídio**

O termo feminicídio, que foi inserido no Código Penal Brasileiro apenas no ano de 2015, é definido como uma violência gerada pela questão de gênero, colocando-a em um papel de inferioridade. Sendo determinado como um crime hediondo. Segundo a lei, estão inseridos nessa categoria os crimes que envolvem violência doméstica e familiar, bem como

menosprezo e discriminação à condição de mulher. De acordo com o código penal, a pena mínima é de 12 anos e a máxima é de 30 anos de prisão para quem cometer esse tipo de crime. Este tipo de violência está diretamente ligado ao patriarcado enraizado na sociedade.

Intitula-se o feminicídio como o homicídio de mulheres cometido por misoginia. Trata-se de uma violação dos direitos humanos, um problema político, social, de saúde, segurança pública e cultural, atingindo todos os dias milhares de mulheres, independente de sua classe social, cor/etnia, grau de escolaridade, entre outros fatores sociais, por se tratar de um crime motivado pelo ódio e opressão ao fato de as vítimas serem mulheres. No entanto, a existência de determinantes sociais, a respeito da classe social e do racismo, corrobora para a ocorrência do feminicídio entre mulheres pobres e negras. Esclarecendo que as categorias sociais – raça, classe, sexualidade - não atuam sozinhas, mas associadas ao patriarcado, categoria que sistematicamente beneficia o homem em detrimento das mulheres. (Saffioti, 2004, p.125 apud Nascimento; Ribeiro, 2020, p.181)

O crime de feminicídio pode ter o seu ponto de partida com uma grande variedade de abusos, sejam eles verbais, físicos e/ou psicológicos, como por exemplo, estupro, tortura, agressão física e emocional, mutilação, assédio sexual, heterossexualidade forçada, maternidade forçada, entre diversos outros. Conforme Gomes (2018, p.12 apud Nascimento; Ribeiro, 2020, p.191), o feminicídio representa uma morte "evitável", embora seja passível de ocorrer, especialmente em uma cultura em que impera a dominação/exploração. Essa cultura é sustentada pelos ideais de uma sociedade patriarcal/racista/capitalista, afetando mulheres e homens de maneiras distintas.

Logo, compreende-se que na sociedade patriarcal o feminicídio é perpetrado como punição e disciplina contra a mulher por se comportar de modo "moralmente inadequado", ou seja, rompendo o padrão socialmente destinado a ela. O deslocamento da mulher para uma posição que não foi a ela destinada desafia a posição do homem, estabelecendo que a mulher deve ser punida ou até mesmo morta. (Nascimento; Ribeiro, 2020, p.199)

Dessa forma, considera-se o feminicídio como a expressão final das múltiplas violências contra as mulheres, na perspectiva de que as vítimas já teriam sofrido outras formas de violência antes de serem assassinadas. Além disso, o resultado desse crime, não apenas afeta diretamente a vida das mulheres, mas também gera consequências prejudiciais na estrutura familiar (Nascimento, Ribeiro, 2020, p.182).

#### 2.4.1 Feminicídio íntimo

A partir do crime de feminicídio, o termo feminicídio íntimo é introduzido em 1976, no Tribunal Internacional de Crimes contra Mulheres, sendo retomada, nos anos 1990, para demonstrar a não acidentalidade das mortes violentas de mulheres, bem como o caráter sexista em crimes conjugais, sendo também caracterizado como uma política sexual de apropriação das mulheres (Almeida, 1998 apud Barrêto; Losurdo, 2016, p. 4).

Como explica Suely Almeida (1998):

Essa forma de violência contra a mulher, que ocorre no contexto doméstico e familiar, começou a ser objeto de tematização pública no Brasil através da mobilização de feministas e mulheres organizadas em diferentes movimentos, especialmente durante a década de 1980. (Almeida, 1998 apud Barrêto; Losurdo, 2016, p. 22)

A quebra da invisibilidade e da naturalização das situações de violência contra a mulher, especialmente no âmbito doméstico e familiar, sempre enfrentou como obstáculo a divisão entre o público e o privado. A família e o ambiente doméstico são historicamente caracterizados como espaços despolitizados, nos quais a intimidade e a preservação da entidade familiar são consideradas quase absolutas, dificultando a intervenção pública ou estatal para proteção à dignidade de seus membros (Rocha, 2012 Apud Barrêto, Losurdo, 2016, p. 22). Dessa maneira,

observa-se que o gênero é constitutivo das relações sociais e, sendo culturalmente informado pela hierarquização e pela desigualdade, acarreta a violência. O gênero se apresenta como uma verdadeira gramática sexual, normatizando condutas masculinas e femininas. Na ordem falocrática e androcêntrica, reserva aos homens reconhecimento público, ao mesmo tempo que também lhes confere o monopólio do uso “legítimo” da força no espaço privado. (Barrêto, Losurdo, 2016, P.23)

Por isso, a incidência de feminicídio íntimo pode acarretar em repercussões significativas, intensificando a intimidação enfrentada por outras mulheres, alimentada pelo temor e pelas ameaças que se materializam.

## 3 METODOLOGIA APLICADA

### 3.1 A Pré-produção

Esta etapa do processo de pesquisa abrange desde a seleção do tema até a definição das fontes e locais de gravação. Seguindo as orientações de Puccini (2009), torna-se essencial esclarecer quais procedimentos foram adotados para compreender as decisões tomadas antes, durante e após as filmagens. A escolha das fontes a serem entrevistadas desempenha um papel crucial na determinação da narrativa adotada, influenciando diretamente o tom e o conteúdo do projeto. A delimitação das pautas representa um exercício de precisão, no qual temas e abordagens são meticulosamente definidos, assegurando coesão e relevância. Os locais de gravação foram selecionados com base na disponibilidade das fontes, abrangendo desde salas de aula até delegacias e residências particulares.

#### 3.1.2 Sobre as fontes

Conforme destacado por Puccini (2009), é essencial que as fontes demonstrem disposição para colaborar com o projeto. Com base nesse princípio, foram selecionadas sete fontes-chave para a elaboração do presente trabalho. Dentre elas, destacamos **Yngrid Duarte**, estudante universitária. A professora **Jaqueline Quadrado**, atualmente docente nos cursos de graduação em Ciências Sociais, Ciência Política, Direito e Serviço Social na Unipampa. **Monique Vieira**, docente na mesma instituição, com mestrado e doutorado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. **Lara Barbosa**, psicóloga clínica com experiência em Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), e **Lins Robalo**, assistente social e vereadora em São Borja. **Rebeca Alves**, psicóloga especializada em terapia de casais e famílias e psicóloga de referência do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas), bem como **Angélica Ferreira Pires**, escrivã de polícia há nove anos na delegacia de São Borja, complementam a diversidade e profundidade de conhecimentos das fontes selecionadas. Essa abordagem visa assegurar uma análise abrangente e embasada nas diferentes dimensões do tema em questão.

### 3.1.3 Materiais de apoio

Após a confirmação da participação das fontes, foi necessário aprofundar o estudo sobre o tema proposto, iniciando a fase de pesquisa. Nesse contexto, tornou-se essencial determinar quais materiais e ferramentas seriam empregados na produção do documentário. Puccini (2009) identifica quatro categorias de fontes a serem consultadas: material impresso, material de arquivo, entrevistas e pesquisa de campo nas locações de filmagem. Conforme o autor,

para efetivar essas quatro etapas, o documentarista deve imergir na leitura abrangente do que estiver disponível, considerando os limites temporais impostos pela produção, relacionado ao tema escolhido. Além disso, é necessário realizar uma pesquisa minuciosa de material de arquivo, abrangendo fotos, filmes e arquivos sonoros, buscando obter permissões para a inclusão no filme. Paralelamente, é crucial conduzir entrevistas com todas as pessoas relacionadas ao tema, ao mesmo tempo em que visita os locais de filmagem para adquirir familiaridade com o espaço físico. (Puccini, 2009, p. 32)

Segundo Puccini, o material de arquivo desempenha o papel de suporte ao documentário, fornecendo elementos visuais para ilustrar eventos passados. O autor destaca que órgãos de imprensa, bibliotecas, museus, cinematecas, universidades e coleções particulares são algumas das fontes possíveis para obtenção desse material (Puccini, 2009, p. 32).

A partir disso, em consulta aos dados do Observatório Estadual da Secretaria Estadual de Segurança Pública do Rio Grande do Sul (SSP-RS), no ano de 2022, o estado registrou um total de 106 casos de feminicídios e 262 tentativas, configurando o segundo ano consecutivo com o maior índice registrado em uma década. Em comparação com o ano de 2021, houve um aumento significativo de 10,4% nos casos. Na cidade de São Borja, os dados atualizados até maio de 2023 apontam três tentativas de feminicídio ocorridas entre janeiro e fevereiro, além de um caso consumado em março. No mesmo período de 2022, não foram registradas tentativas do crime.

Antes de 2015, a lei já previa maneiras de frear a violência doméstica e familiar contra a mulher. A Lei nº 11.340, Lei Maria da Penha, foi criada em reconhecimento à necessidade de medidas específicas para prevenir, punir e erradicar esse tipo de violência. Ela prevê a criação de mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de

Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir.

A partir dessa Lei, é possível que agressores de mulheres em âmbito doméstico e familiar sejam presos em flagrante ou tenham prisão preventiva decretada. Além disso, a Lei Maria da Penha não permite que os agressores sejam punidos com penas alternativas, como o pagamento de multas ou cestas básicas. Assim, as penas variam de três meses a três anos de detenção. Anteriormente, a punição para esse tipo de crime era de seis meses a um ano. Diversas medidas protetivas também estão previstas nos termos, como a proibição de aproximação do agressor da mulher agredida e a remoção do agressor do domicílio.

Diante desses dados de feminicídios e tentativas de feminicídio em São Borja, é urgente abordar esse tema de maneira esclarecedora e acessível. A escolha estratégica do TikTok como plataforma para a veiculação desse conteúdo ganha ainda mais relevância. Enfrentando estas estatísticas tão alarmantes, a necessidade de disseminar informações, conscientizar e, acima de tudo, inspirar ações torna-se ainda mais indispensável. O engajamento no TikTok representa, assim, um passo significativo na direção de uma conscientização coletiva que pode contribuir para a transformação da sociedade em relação a essa problemática persistente.

### 3.1.5 As pautas

Foram pensadas para a produção desta websérie as temáticas que pudessem contemplar o feminicídio íntimo como norteador do tema central deste produto. As perguntas foram feitas, de acordo com o perfil de cada entrevistada, que são separados em vítimas, docentes, psicólogos e poder público. As questões que orientaram as entrevistas foram:

#### **Para vítimas:**

Você já sofreu algum tipo de violência de gênero? Pode relatar?  
Quais conselhos você daria a outras mulheres que enfrentam situações semelhantes em termos de como buscar apoio?  
Em relacionamentos anteriores, você notou desequilíbrios de poder? Como isso afetou sua experiência?

**Para docentes:**

Como o feminicídio íntimo é definido e diferenciado de outros tipos de violência de gênero?  
Quais são os fatores sociais e culturais que contribuem para esse tipo de violência de gênero?

Como os profissionais de serviço social podem apoiar as vítimas?

Quais são as estratégias de prevenção eficazes para reduzir o feminicídio íntimo?

Quais são as políticas governamentais ou programas que visam abordar o feminicídio íntimo em São Borja?

Em que medida as emoções, como amor e ódio, podem influenciar a dinâmica de poder em relacionamentos abusivos?

Quais são os desafios em identificar os sinais de alerta de que o amor em um relacionamento está se transformando em um perigo potencial de feminicídio íntimo?

Como o ódio internalizado pelas vítimas de feminicídio íntimo pode afetar sua autoestima e capacidade de buscar ajuda?

Quais são os desafios legais e sociais em lidar com casos em que o amor é usado como justificativa para atos de violência no contexto do feminicídio íntimo?

Como o amor pode estar interligado com casos de feminicídio íntimo, e por que algumas vítimas permanecem em relacionamentos abusivos devido ao amor que sentem pelo agressor?

**Para psicólogas:**

Quais são os principais fatores psicológicos que podem contribuir para que uma mulher permaneça em um relacionamento abusivo que pode levar ao feminicídio?

Como a psicologia pode desempenhar um papel na prevenção desse tipo de violência?

Quais são as estratégias de intervenção psicológica mais eficazes para ajudar mulheres a sair de relacionamentos abusivos de forma segura?

Quais são os desafios específicos que as mulheres em situação de vulnerabilidade enfrentam ao buscar ajuda psicológica para lidar com a violência de gênero?

Como os profissionais da saúde mental podem trabalhar em conjunto com outras partes interessadas, como a polícia e organizações de apoio, para prevenir o feminicídio?

Como o conceito de amor pode estar envolvido em relacionamentos abusivos que podem levar ao feminicídio?

De que maneira a idealização do amor romântico pode influenciar a decisão de algumas mulheres de permanecerem em relacionamentos abusivos?

Como a psicologia pode ajudar a conscientizar as pessoas sobre a diferença entre amor e controle em relacionamentos?

Você já presenciou e/ou acompanhou algum caso que teve o seu desfecho o feminicídio? Pode relatar?

**Para representante do poder público:**

Como você vê a situação do feminicídio íntimo em São Borja? Quais são as principais preocupações nesta área?

Pode compartilhar algumas estatísticas recentes sobre casos de feminicídio íntimo em nosso município e como esses números se comparam a anos anteriores?

Quais iniciativas a Câmara Municipal ou outras autoridades locais estão tomando para prevenir o feminicídio íntimo e proteger as vítimas?

Como a vereadora avalia a eficácia das políticas e serviços existentes de apoio às vítimas de violência doméstica e feminicídio em São Borja?

Como os cidadãos de São Borja podem se envolver e apoiar os esforços para prevenir o feminicídio íntimo? Existem programas de conscientização em andamento?

Quais são os desafios específicos que São Borja enfrenta em relação ao feminicídio íntimo, e como a vereadora pretende abordá-los?

Como a vereadora enxerga a necessidade de educação e conscientização sobre relacionamentos saudáveis nas escolas e comunidades locais como uma medida preventiva?

Por fim, quais são as mensagens ou recursos que a vereadora gostaria de compartilhar com as mulheres de São Borja que podem estar enfrentando situações de violência íntima?

Quais são as estatísticas mais recentes de casos de feminicídio em São Borja? Como a delegacia lida com a investigação desses casos?

Quais medidas têm sido adotadas para prevenir o feminicídio na região?

Qual é o papel da delegacia em apoiar as vítimas de violência doméstica?

Quais recursos estão disponíveis para as vítimas de feminicídio e suas famílias?

Como funciona a sala das margaridas? E além dela, existe mais alguma forma de apoio para essas mulheres e familiares?

Quais são as penalidades legais para os autores de feminicídio em São Borja?

Quais ações estão sendo tomadas para conscientizar a população sobre a gravidade do feminicídio na cidade?

Quais são os principais desafios que você enfrenta ao lidar com casos de feminicídio íntimo?

Quais medidas são tomadas para proteger a privacidade e segurança das vítimas durante as investigações?

Existe algum caso que tenha sido particularmente desafiador e impactante para você? Como você lidou com isso?

### 3.1.6 Do cronograma de pré-produção

As entrevistas foram feitas no período do mês de setembro, de forma presencial, na cidade de São Borja, pela questão de logística e proximidade com a comunidade. Além disso, ainda nesse período foi feita a coleta de dados acerca do número de vítimas de feminicídio e feminicídio íntimo no Rio Grande do Sul e São Borja.

## 3.2 A produção

Para Puccini, a produção é influenciada pelas demandas específicas das situações de filmagem. O entendimento das entrevistas, seja em estúdio ou locais abertos, implica o planejamento dos planos e enquadramentos a serem utilizados na gravação. O autor destaca que escolhas aparentemente menos relevantes, como o local da entrevista ou a posição do entrevistado diante da câmera, têm impacto crucial na interpretação do documentário, em sua carga visual e na precisão gráfica da composição da imagem. Além disso, Puccini sublinha a relevância da espontaneidade na produção documental. Mesmo seguindo um roteiro, esse modo de produção proporciona autonomia para registrar cenas não planejadas, distinguindo-se de filmes de ficção. O autor também menciona a decupagem técnica, que envolve a identificação dos momentos cruciais a serem incluídos no documentário. Dessa forma, fica a cargo da decupagem esmiuçar o material que será utilizado.

### 3.2.1 Tipos de documentário

O jornalismo digital, desde a sua origem, passa por contínuas transformações, impulsionadas pelo crescente acesso e utilização de ferramentas digitais, bem como pela evolução das narrativas proporcionadas pelo uso de computadores e plataformas online. As

produções audiovisuais, tradicionalmente associadas ao telejornalismo, enfrentam agora um novo paradigma jornalístico. Nesse cenário, a imagem e o som, característicos das produções audiovisuais, transcendem para outros formatos e gêneros. Além disso, elementos são incorporados para estabelecer diálogos e criar diferentes formas de interação com o público online.

Os novos produtos audiovisuais se encontram numa nova fase para os meios de comunicação, que vem sendo estabelecida pela Convergência Digital das mídias. Uma vez que as fronteiras constituídas por cada um dos meios de fundem e se unificam no campo digital, elas originam novos produtos que necessitam de uma classificação como é o caso das webséries documentais. Apropriados pelo campo jornalístico, as webséries documentais são oriundas dos webdocumentários, que por sua vez são provenientes dos documentários produzidos para a TV e para o cinema. (Souza e Cajazeira, 2015, p.2)

Henry Jenkins (2009, apud Souza e Cajazeira, 2015) interpreta a convergência não apenas como uma mudança tecnológica, mas como uma transformação cultural, social e mercadológica. Ele destaca que essa transformação surge da busca dos consumidores por informações e da conexão entre diversos conteúdos dispersos. O desejo dos consumidores por uma participação mais ativa no processo é evidente, sendo iniciado pelo conteúdo televisivo. Para elucidar o surgimento das webséries, Dorneles Daniel Barros Neves e Eutália Silva Ramos (2015, apud Souza e Cajazeira, 2015) explicam que a demanda por esses conteúdos na web é impulsionada pelo interesse do público em consumir produções online. Esse interesse é alimentado pelo ambiente versátil da internet, onde os usuários podem realizar várias tarefas simultaneamente e buscar conteúdos de forma conveniente. O consumo de audiovisual no ambiente digital, portanto, se integra a esse novo espaço midiático e hábito de consumo. Souza e Cajazeira (2015) destacam que

contendo características próprias de funcionalidade como narrativa, formato, duração de episódio e ambiente de circulação, as webséries provocam uma reflexão sobre o futuro que o audiovisual percorrerá nos próximos anos, principalmente no campo das ciências da comunicação e em sua abertura para os novos formatos jornalísticos. (p.7)

Já as webséries documentais transcendem as fronteiras do webjornalismo e avançam em direção à criação de um outro modelo jornalístico no século XXI (Souza e Cajazeira, 2015). Nesse contexto, o jornalismo não opera de maneira isolada, mas estabelece uma parceria com seu público, buscando manter e conquistar uma nova audiência.

### 3.2.2 Pós-produção

A pós-produção envolve a revisão de todo o material que produzimos e coletamos durante o período de desenvolvimento do projeto experimental. Conforme indicado por Puccini (2009), é na fase de montagem que o discurso final do documentário adquire sua forma definitiva. Este estágio específico foi e será realizado no período compreendido entre novembro e dezembro de 2023.

## **4 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS**

### **4.1 Pré-produção**

A etapa de pré-produção estendeu-se para além da utilização de recursos avançados, como a Base de Dados de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), como ponto inicial para nossa investigação sobre feminicídio íntimo. Além dessa abordagem, foi essencial buscar fontes locais que mantivessem uma conexão direta com o tema a ser explorado. Isso incluiu a procura por especialistas, organizações locais, e informações contextuais que enriquecessem a pesquisa e oferecessem uma perspectiva mais aprofundada sobre a problemática do feminicídio íntimo. Essa abordagem abrangente na fase de pré-produção visou assegurar uma base sólida e informada para o desenvolvimento do estudo.

Uma das primeiras definições foi a escolha da plataforma TikTok para a veiculação da websérie. Essa decisão foi pautada visando atingir um público diversificado e engajado, além de incluir uma expressiva presença de usuários jovens.

### **4.2 Produção**

As gravações ocorreram durante o final de setembro, outubro e início de novembro. Todas as entrevistas foram agendadas previamente e marcadas de acordo com a disponibilidade das entrevistadas, procurando deixá-las à vontade para se expressarem. O roteiro de perguntas foi usado como um guia para o diálogo entre entrevistadora e entrevistadas, mas quando foi necessário solicitar esclarecimentos sobre as respostas, questões espontâneas foram inseridas. Inicialmente, planejávamos realizar uma monografia que abordaria o tema central do feminicídio em São Borja, com foco na análise do discurso. Entretanto, a decisão de realizar uma mudança significativa no projeto surgiu da identificação e do interesse em desenvolver um trabalho mais experimental.

### 4.3 Pós-produção

O formato dinâmico e interativo da plataforma TikTok oferece uma oportunidade de envolvimento com o público, permitindo a disseminação rápida e compartilhamento fácil do conteúdo. A partir desse entendimento, foram pensados o nome e a identidade visual do projeto.

Ao longo da história, as mulheres foram e são representadas como monstros a serem combatidos. Na mitologia grega, as Górgonas são criaturas lendárias conhecidas por sua natureza monstruosa, com cabelos de serpentes e um olhar que tem o poder de petrificar qualquer pessoa que o encontre. As três principais Górgonas são Medusa, Esteno e Euríale, as quais são representadas como um obstáculo a serem superados por “heróis”. Com o nome “Górgona” em mente, a designer Tayná Moraes elaborou por completo a identidade visual, seguindo como pedido a utilização da cor lilás, que faz referência ao mês de agosto, dedicado à campanha de conscientização sobre a violência contra a mulher, promovida no Brasil.

Após essa etapa, foi feita a revisão de todo o material de vídeo, incluindo entrevistas e sonoras, visando a elaboração dos cinco episódios, cada um com aproximadamente quatro minutos de duração. Com a materialização desses elementos, avançamos para a revisão das entrevistas, decupagem, pesquisa de materiais de apoio e trilhas, culminando na construção do roteiro segmentado para o TikTok. A montagem final, realizada através do DaVinci, foi resolvida com auxílio do colega de graduação Carlos Eduardo Farias, que integrou os vídeos recortados, sonoras e ajustes necessários, resultando em um produto final com a duração total de 18 minutos e 58 segundos.

## 5 AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE PRODUÇÃO

Não posso escrever essa avaliação na primeira pessoa do plural como fiz ao longo do restante do relatório, porque fazer a avaliação de um trabalho que mexeu tanto comigo, é impossível generalizar. É necessário me colocar e expor parte dos sentimentos que consigo verbalizar. O amor e o apoio que as mulheres podem sentir umas pelas outras sempre moldou a minha forma de ver o mundo. Por isso, abordar uma temática tão emblemática como o feminicídio íntimo é uma responsabilidade que ultrapassa as linhas de um projeto de conclusão de curso. Nos meus quase cinco anos de graduação sempre atentei, de alguma maneira, dar voz às experiências que muitas mulheres enfrentam diariamente. A partir disso, no primeiro semestre do ano de 2023 me dediquei em desenvolver uma monografia acerca da cobertura midiática dos feminicídios íntimos de São Borja, usando a análise de conteúdo e análise de discursos como metodologias. Já com o projeto em andamento, encontrei aspectos que me adoeciam, fazendo-me apegar à ideia de quanto é perigoso ser mulher no Brasil. Além disso, encarava e me via pequena na forma em que jornalistas retratavam as mulheres que foram mortas. Por esse motivo, procurei “refúgio” e auxílio de mulheres que me inspiram academicamente, como forma de me sentir acolhida e pertencente, assim, optei por dar seguimento em um produto experimental, com o mesmo tema, mas transformando a narrativa, sendo ouvinte ativa de outras mulheres.

A pesquisa e as conversas que essa produção me proporcionou impactam diretamente no meu cotidiano. A vontade de produzir foi impulsionada por um profundo entendimento de que, ao expor as realidades cruéis e, muitas vezes, silenciadas, posso contribuir para a conscientização e influenciar a transformação de realidades. Escrever sobre o feminicídio íntimo é, para mim, um ato de resistência, um compromisso com a justiça e um passo em direção a um futuro onde todas as mulheres possam viver livres do medo e da violência.

Por se tratar de um tema sensível, houve grande dificuldade para conseguir pessoas dispostas a compartilhar suas experiências. Mulheres que foram vítimas de feminicídio ou que vivenciaram situações de violência íntima frequentemente hesitaram em expor suas histórias, seja por medo de represálias, pelo peso emocional do passado ou pela vergonha.

Mas apesar dos desafios iniciais, obtive sucesso no desfecho. Entrevistando assim, mulheres que compartilharam seus conhecimentos e histórias. A compreensão da delicadeza do tema foi crucial para criar um ambiente de confiança, permitindo que as fontes se expressassem livremente. Ao final, superando as barreiras iniciais, as fontes escolhidas foram fundamentais para o desenvolvimento do projeto, fornecendo perspectivas valiosas

que não apenas abordaram a crueldade do feminicídio, mas também destacaram a resiliência e a determinação dessas mulheres em romper o ciclo da violência.

A decisão de publicar os episódios da websérie somente após a aprovação da banca reflete uma abordagem responsável e ética diante do conteúdo sensível tratado. Ao lidar com temáticas que envolvem sensibilidades particulares, como é o caso dos assuntos abordados em produções audiovisuais, é crucial garantir que a apresentação desses temas seja realizada de maneira cuidadosa e respeitosa. A submissão à avaliação da banca proporciona uma oportunidade de revisão crítica, que pode oferecer insights valiosos sobre a representação, narrativa e potenciais impactos do conteúdo. Portanto, adiar a publicação até a aprovação da banca contribui para a construção da narrativa pensada.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da nossa questão norteadora: “Como os relacionamentos abusivos contribuem para o feminicídio íntimo na cidade de São Borja?”, a produção de uma websérie jornalística representa não apenas uma resposta à indagação, mas um mergulho profundo nas complexidades dessa realidade. Ao adotar a metodologia estruturada de Sérgio Puccini (2009) para a produção da websérie e considerar as contribuições de Mirales (2020) e outros estudiosos sobre o feminicídio e violência de gênero, delineamos cuidadosamente os estágios de pré-produção, produção e pós-produção, construindo uma narrativa que transcende as estatísticas para dar voz às experiências.

Entrevistando sete fontes mulheres, incluindo vítimas de tentativa de feminicídio, docentes, psicólogas e representantes do poder público, buscamos desvendar as nuances que alimentam esse fenômeno, evidenciando as facetas do feminicídio íntimo. A websérie "Górgona: as facetas do feminicídio íntimo em São Borja" não se limita a informar; ela aspira a ser um instrumento de mudanças, destacando a interseção entre relacionamentos abusivos e a trágica escalada para o feminicídio, tudo isso entregue através da plataforma TikTok.

Nesse contexto, a websérie não apenas apresentou dados e casos, mas deu voz às histórias locais, humanizando a problemática e contribuindo para a conscientização coletiva, abordando o feminicídio íntimo, violência de gênero e das dinâmicas de poder entre homens e mulheres na sociedade local, assumindo também a responsabilidade de explorar o potencial informativo e educativo do conteúdo apresentado. A inserção dessas narrativas pessoais permite que a audiência se conecte emocionalmente, compreendendo a urgência da mudança social. Ao encerrar este estudo, destacamos a relevância do compromisso contínuo com a promoção da igualdade de gênero e o combate à violência, bem como a importância de continuar explorando novas formas de comunicação para enfrentar os desafios persistentes nesse campo.

O desenvolvimento deste projeto e pesquisa assume a forma de um agente de transformação que, ao configurar-se como uma websérie jornalística destinada à plataforma digital TikTok, não apenas evidencia a gravidade do tema, mas também se propõe a provocar reflexões e conscientização quanto a violência que diariamente as mulheres enfrentam, além de incentivar a implementação de ações concretas. Através dessa iniciativa, almeja-se alcançar um futuro mais seguro para as mulheres. Esperamos ainda que este

trabalho sirva para que profissionais do jornalismo reflitam sobre suas práticas e repensem estratégias narrativas e midiáticas para a cobertura do feminicídio íntimo.

## REFERÊNCIAS

**Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2021.** [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/10/anuario-15-completo-v7-251021.pdf>>. Acesso em: 15 de jun. 2023.

ALMEIDA, Tânia Mara Campos de. **Corpo feminino e violência de gênero:** fenômeno persistente e atualizado em escala mundial. In: Dossiê: Gêneros e Feminismo(s): Novas Perspectivas Teóricas e Caminhos Sociais. Sociedade e Estado, v. 36, n. 3, p. 609-627, set./dez. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/kgLZC96bvR5L8KmC7SmXZCf/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 de nov. de 2023.

ÁLVARO, Mirla Cisne. **Feminismo, luta de classes e consciência militante feminista no Brasil.** 2018. 200 f. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.bdt.uerj.br:8443/bitstream/1/15881/1/Tese%20Mirla%20Cisne%20Alvaro.pdf> Acesso em: 05 de nov. de 2023.

BARRÊTO, Lilah de Moraes; LOSURDO, Federico. **O feminicídio íntimo e os desafios da efetividade da Lei Maria da Penha:** a discricionariade judicial e a cultura jurídica dos magistrados do tratamento da violência doméstica e familiar contra a mulher. Teorias da Justiça, [S.l.], v. 15, n. 2, p. 120-145, ago. 2021. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/revistateoriasjustica/article/view/1690/2222>. Acesso em: 10 de nov. de 2023.

Brasil. Lei Maria da Penha. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Brasília, DF: Presidência da República, 2021. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111340.htm). Acesso em: 30 mai. 2023.

**Indicadores da Violência Contra a Mulher - Lei Maria da Penha.** Secretaria da Segurança Pública. Disponível em: <https://www.ssp.rs.gov.br/indicadores-da-violencia-contra-a-mulher>. Acesso em: 30 mai. 2023.

MIRALES, Rosana. **Violência de Gênero:** Contribuições para o Serviço Social. 2019. 290 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18001/1/Rosana%20Miraes.pdf>. Acesso em: 23 de nov. de 2023.

NASCIMENTO, Ana Amélia Dias Evangelista do; RIBEIRO, Luziana Ramalho. **Feminicídio:** a máxima expressão da violência contra as mulheres em João Pessoa - PB. Reed: Revista Eletrônica de Estudos do Direito, [S.l.], v. 18, n. 2, p. 125-145, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://reedrevista.org/reed/article/view/457/290>. Acesso em: 10 de nov. de 2023.

NIELSSON, Joice Graciele; DELAJUSTINE, Ana Claudia. **A dimensão pública da violência de gênero e a inscrição política do corpo como território:** muito mais do que

"briga de marido e mulher". *Quaestio Iuris*, v. 14, n. 01, p. 81-99, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/quaestioiuris/article/view/40621/33949>. Acesso em: 20 de nov. 2023.

OLIVEIRA, Fernanda Castro Souza Fernandes de. **Direitos Humanos, Lei Maria da Penha e os Crimes de Ameaça**. 2021. 152 f. Tese (Doutorado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2140/tde-19022021-173923/publico/1025890\\_Tese\\_Original.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2140/tde-19022021-173923/publico/1025890_Tese_Original.pdf). Acesso em: 05 de nov. de 2023

**Observatório da Violência Contra a Mulher**. Secretaria da Segurança Pública. Disponível em: <https://www.ssp.rs.gov.br/observatorio-mulher>. Acesso em: 30 mai. 2023

OLIVEIRA, Lorena de; MURAD, Eduarda Maria. **Feminismo Interseccional: Fortalecendo o Movimento a Partir da Transnacionalidade**. *Sociológicos*, v. 27, n. 1, p. 109-128, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/sociologicos/article/view/4846/4159>. Acesso em: 06 de nov. de 2023.

PEREIRA, A. A. S. ; MONTEIRO, J. C. S. . **Jornalismo no TikTok**, check!. *Revista Latino-Americana de Estudos Científicos* , v. 02, p. 77-90, 2021.

PUCCINI, Sérgio. **Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção**. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

RASÊRA, Marcella. **Jornalismo digital: do boom aos dias atuais**. Uma reflexão sobre a necessidade da convergência de meios decorrente da mudança de hábitos de consumo da notícia. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/icone/article/view/230424>.

SOUZA, José Jullian Gomes de; CAJAZEIRA, Paulo Eduardo. **Mas afinal, o que é uma websérie documental?**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. *Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2015. p. 1-15. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1215-1.pdf>. Acesso em: 06 de nov. de 2023.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2. ed., 2005

VERISSIMO, Daniele dos Santos. **Até que a morte nos separe: aspectos socioculturais do feminicídio no Ceará**. *Conhecer: Debate Entre o público e o Privado*, v. 9, n. 16, p. 12-30, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistaconhecer/article/view/5160/6082>. Acesso em: 12 de nov. de 2023.

[https://drive.google.com/drive/folders/1rSp0iu6\\_iP1-iX4upxC99lhxtba2fyDH](https://drive.google.com/drive/folders/1rSp0iu6_iP1-iX4upxC99lhxtba2fyDH)